



REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO: ALTERNATIVAS DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL A PARTIR DOS DISCURSOS E FORMAS DE RESISTÊNCIA DAS POPULAÇÕES MARGINALIZADAS

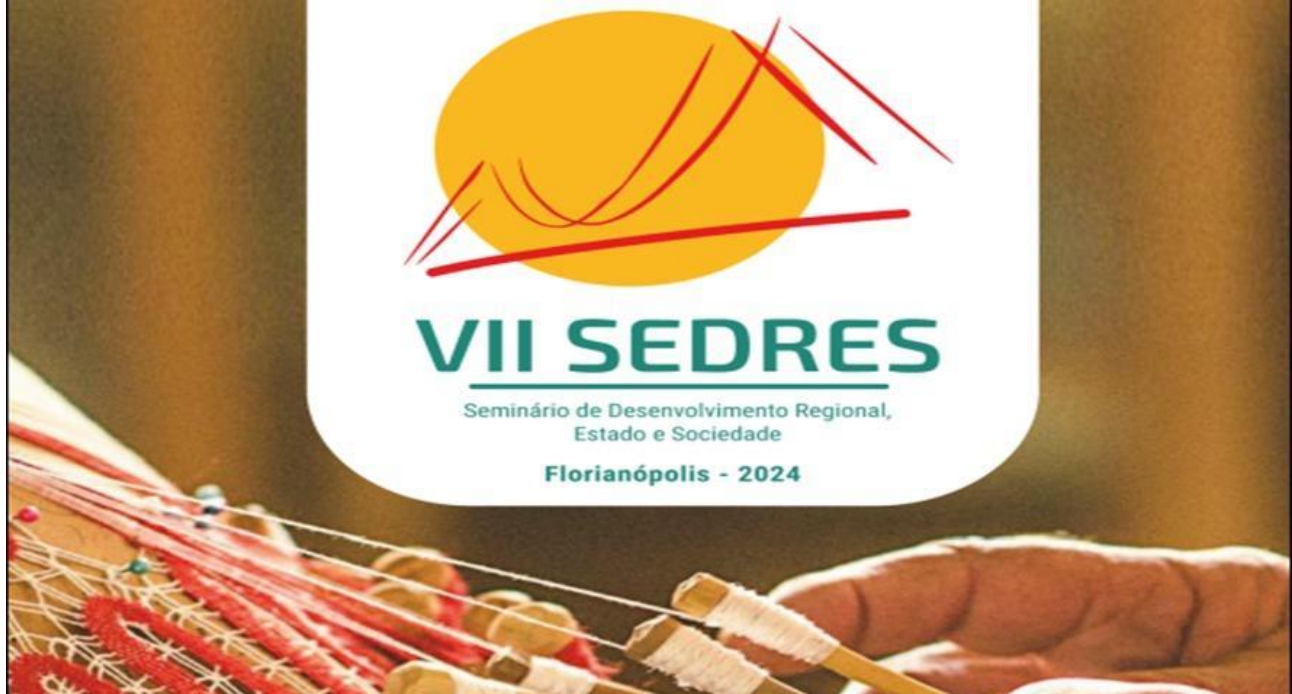
1 Questões teóricas e metodológicas do desenvolvimento

RESUMO

A historiografia hegemônica se baseia no discurso dos vencedores, ou seja, identificado com as classes dominantes. A maioria das concepções sobre desenvolvimento e as políticas voltadas à sua promoção privilegiam o processo de acumulação e a consequente espoliação dos seres humanos e da natureza. Neste sentido, o objetivo deste artigo é discutir de que maneira a análise dos discursos e das formas de organização das populações mais afetadas pelo processo hegemônico de desenvolvimento pode contribuir para a construção de modos alternativos de organização social. A abordagem metodológica utilizada foi a perspectiva dialética e dentre as técnicas se destacou a pesquisa bibliográfica. A análise dos discursos e das formas de organização destas populações questiona os paradigmas tradicionais do desenvolvimento, e, entende-se ser crucial para construir novas formas de organização social, alinhadas com princípios de autodeterminação social, equidade e respeito às pessoas e a natureza.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Um dos pressupostos desta pesquisa é a de que a análise dos discursos das populações mais afetadas pelo processo hegemônico de desenvolvimento pode contribuir para a construção de modos alternativos de organização social. Portanto, entende-se que é de fundamental importância a utilização do método dialético, que toma na devida conta as contradições observadas na sociedade, permitindo



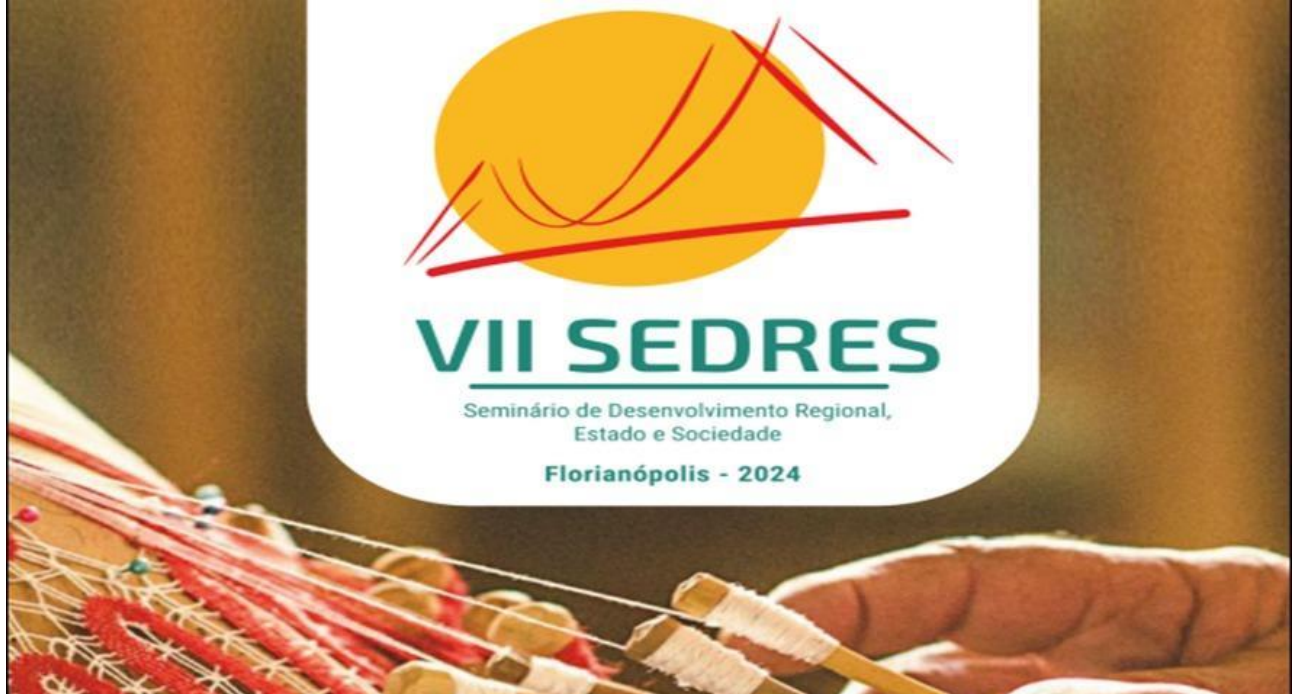
daí derivar sínteses esclarecedoras da realidade. Quanto à natureza, a presente pesquisa classifica-se como básica e quanto à forma de abordagem, como qualitativa, na medida em que considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. O método de procedimento foi a pesquisa bibliográfica, utilizando fontes secundárias, levantando informações de livros, periódicos e artigos científicos. Estes relacionados ao processo de acumulação de capital, a dinâmica do desenvolvimento geográfico desigual, a autodeterminação social e ao método de contar a história a “contrapelo” (a partir dos vencidos e das vencidas).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao revisitar o conceito de desenvolvimento, Theis (2022) questiona qual concepção deveríamos utilizar ao tratar de desenvolvimento regional. Após entender o conceito para as diversas escolas de pensamento, o autor conclui que, os problemas sociais e ambientais emergentes (fome, pobreza, miséria, assimetrias, perda da biodiversidade, entre outros) mostram que o capitalismo deve ser repensado enquanto modo de produção. Desta forma, outras propostas de “desenvolvimento” devem ser pensadas e implementadas, com preocupações ambientais, culturais e sociais mais claras.

Corroboram com Theis (2022) outros autores, como Brandão (2010), Lencioni (2014) e Harvey (2006; 2014) que enfatizam a persistência dos processos de acumulação primitiva de capital no território, chamando a atenção para o processo de acumulação por espoliação. A ideia principal é que o capital, acumulado em escala cada vez mais ampliada, continua resultando de processos similares à acumulação primitiva (HARVEY, 2006; 2014). Uma análise da realidade, através destes pressupostos, ajuda a entender melhor como se processam os mecanismos de avanço do capitalismo e as suas implicações no território (THEIS; BUTZKE, 2012).

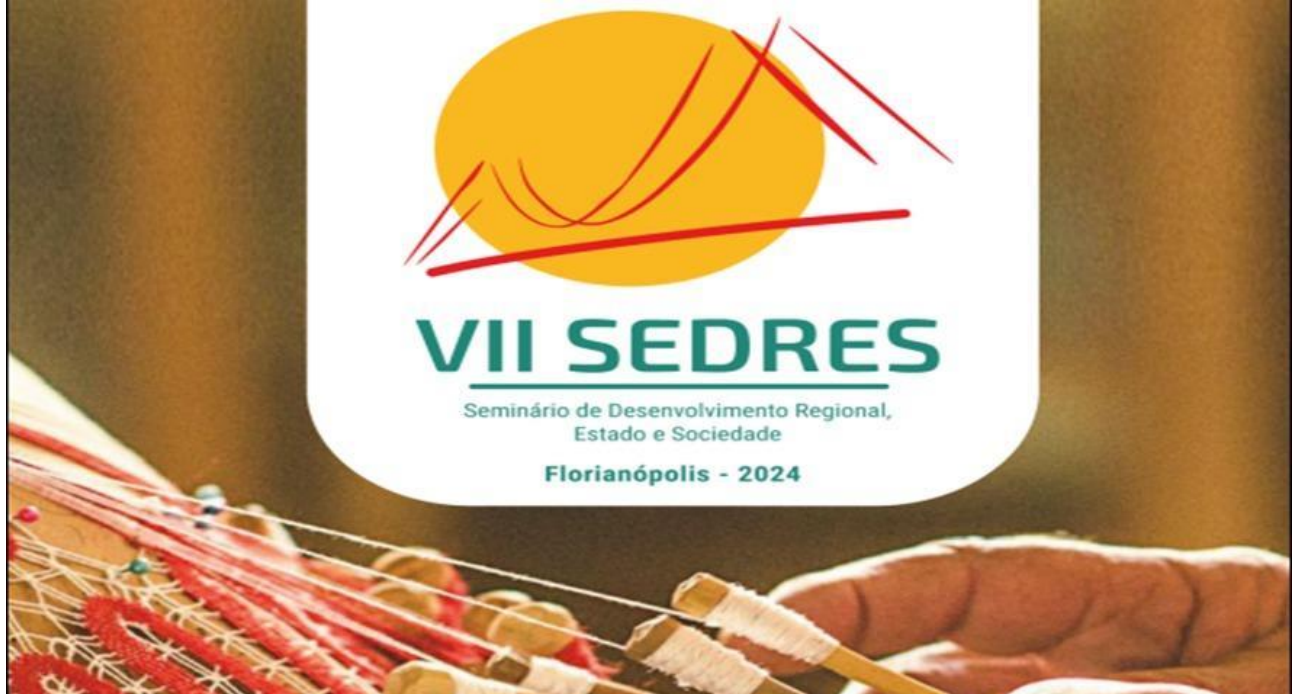
Convencionalmente, a historiografia hegemônica e o debate sobre a promoção do desenvolvimento têm por base o discurso dos vencedores, ou seja, aquele identificado com as classes



dominantes. E não raro, enxerga a história como uma sucessão de fatos gloriosos, marcados por feitos de supostos “heróis”, portadores do progresso e da civilização (LÖWY, 2005). Porém, recontar a história, desde a perspectiva dos vencidos é deixar de lado a identificação com estes “heróis oficiais”, com as supostas “maravilhas” do progresso industrial e, conseqüentemente, ao modelo de sociedade construída a partir de seus pressupostos. Para “contar uma história a *contrapelo*” é preciso levar em conta os povos originários, as populações tradicionais, os trabalhadores explorados, os movimentos de luta, os esquecidos, enfim, aqueles que “perderam a batalha” (LÖWY, 2002; LÖWY, 2005; LÖWY, 2011).

O capitalismo é uma forma histórica particular de organizar as relações entre as pessoas, e nesse sistema há uma “objetivização do sujeito e uma subjetivação do objeto: as coisas (o dinheiro, o capital, as máquinas) se convertem em sujeitos da sociedade, as pessoas (os trabalhadores) se convertem em objetos.” (HOLLOWAY, 2003, p.83). Isso remete a um dilema: “(...) como podemos viver em uma sociedade que se baseia na desumanização? Mas como pode ser possível que transformemos uma sociedade em que as pessoas estão tão desumanizadas?” (HOLLOWAY, 2003, p.117). A análise dos discursos e das formas de organização das populações mais afetadas pelo processo hegemônico de desenvolvimento pode contribuir para essa reflexão. Isso porque questiona os paradigmas tradicionais do desenvolvimento e parece crucial para construir novas formas de organização social, alinhadas com princípios de autodeterminação social, equidade e respeito às pessoas e a natureza. Ao examinar criticamente esses discursos e práticas é possível identificar as ideologias subjacentes e as estruturas de poder que perpetuam desigualdades e injustiças no processo de desenvolvimento. Neste sentido, abrem caminho para abordagens mais pluralistas e participativas de organização social.

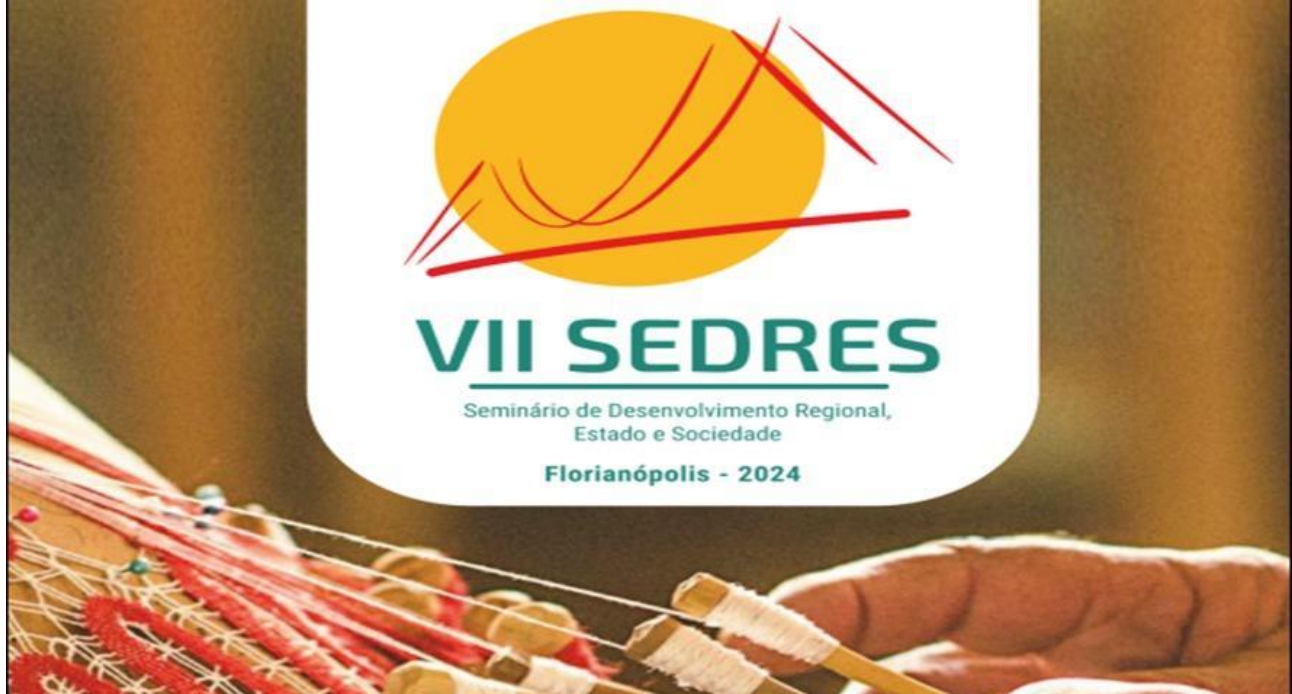
RELAÇÃO COM A SESSÃO TEMÁTICA



O desenvolvimento é um tema central nas discussões contemporâneas sobre as dinâmicas socioeconômicas e políticas em diferentes regiões do mundo. No entanto, é fundamental adotar uma abordagem crítica que leve em consideração não apenas os aspectos econômicos, mas também os discursos, práticas e as pessoas envolvidas nesse processo. Nesse sentido, a análise dos discursos e das formas de organização das populações mais afetadas pelo processo hegemônico de desenvolvimento torna-se crucial para repensar e construir modelos alternativos de organização social.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos. Acumulação primitiva permanente e desenvolvimento capitalista no Brasil contemporâneo. ALMEIRA, Alfredo Wagner Berno de. et al. In: **Capitalismo globalizado e recursos territoriais: fronteiras da acumulação no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010, p.39-69.
- HARVEY, David. A produção capitalista do espaço. 2. Ed. São Paulo: Annablume, 2006.
- HARVEY, David. O novo imperialismo. 8ª Ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- HOLLOWAY, John. **Mudar o mundo sem tomar o poder**. São Paulo: Editora Viramundo, 2003.
- LENCIONI, Sandra. Acumulação primitiva: um processo atuante na sociedade contemporânea. **Revista franco – brasileira de geográfica** [Confins - Online]. Vol.14, 2012.
- LÖWY, Michael. A filosofia da história de Walter Benjamin. **Estudos avançados**. Nº 16 (45), 2002
- LÖWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005. Tradução de: Walter Benjamin: avertissement d’incendie: une lecture des thèses “Sur le concept d’histoire”.
- LÖWY, Michael. A filosofia da história de Walter Benjamin. **Lutas sociais**. São Paulo, nº 25/26, 2º sem. de 2010 e 1º sem. de 2011. P. 20 – 28.



THEIS, Ivo Marcos. Hic et nunc: qual concepção de desenvolvimento quando se trata de Desenvolvimento Regional? **Revista brasileira de estudos urbanos e regionais**, v.24, e202224pt, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202224pt>. Acesso em 10 de nov. 2022.

THEIS, Ivo Marcos; BUTZKE, Luciana. O paradoxo da geografia no capitalismo mundializado: revisitando a lei do desenvolvimento desigual e combinado. In: GALVÃO, Andreia et al. (org.) **Capitalismo: crises e resistências**. São Paulo: Outras Expressões, p. 83-110, 2012.